

**Cad.Est.Ling., Campinas, (34):169-178, Jan./Jun. 1998**

## **A FONOLOGIA FORNECENDO PISTAS SOBRE A SINTAXE: O CASO DOS OBJETOS NULOS\***

RAQUEL SANTANA SANTOS  
(UNICAMP)

**ABSTRACT** The aim of this paper is to offer more evidence in favor of Cyrino's analysis (1994) of the null object in Brazilian Portuguese. This evidence comes from the analysis of clash resolution, according to the Prosodic Theory of Nespor & Vogel (1986).

### **INTRODUÇÃO**

Cada vez mais, entre os lingüístas, tem-se percebido que, se dividimos a gramática em diversos componentes (sintaxe, morfologia, fonologia, semântica), os mesmos não são independentes. Assim, principalmente a partir da década de 80, surgiram muitos trabalhos preocupados com a interface entre esses componentes, e como se daria a relação entre eles. Ora, se um dado componente X da gramática pode influenciar um outro componente Y, é bem provável que possamos “ver”, ter indícios, em Y, de X. Uma vez que se assume que há um canal entre os componentes, é-nos permitido assumir que possamos “enxergar” através desse canal.

Nosso intento é justamente procurar, através da análise de um determinado fenômeno fonológico, pistas de como está estruturada a sintaxe. Mais especificamente, o que faremos é, através da análise de dados de resolução ou não de choques de acento lexical via movimento de acentos, trazer mais dados que corroborem a proposta de Cyrino (1994), de que os objetos nulos devem ser considerados como *pro*.

### **A TEORIA PROSÓDICA DE NESPOR & VOGEL (1986)**

Diversas têm sido as propostas de explicação para os fenômenos fonológicos ditos prosódicos nos últimos tempos. Chomsky & Halle (1968) propunham que as regras fonológicas dependiam dos tipos de fronteiras existentes entre as palavras; Kaisse

---

\* Esta análise é parte de uma pesquisa maior sobre a resolução de choques de acento entre o verbo e seus argumentos. Agradeço a Helena Britto, Jairo Moraes Nunes e Ana Paula Scher pelas valiosas sugestões, comentários e correções. Os erros e mal-entendidos remanescentes são, é claro, todos meus.

(1985) defendia que as regras fonológicas dependiam exclusivamente de relações sintáticas (mais especificamente da relação de c-comando) entre os itens lexicais. Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986) propuseram que as regras fonológicas ocorriam em domínios prosódicos formados através da interação entre os diversos componentes da gramática. Assumiremos a teoria de Nespor & Vogel (1986), uma vez que as autoras têm propostas específicas de construção dos domínios prosódicos; no entanto, algumas modificações serão assumidas nos seus algoritmos, como veremos mais adiante.

Nespor & Vogel propõem haver uma organização prosódica que mapeia todo enunciado. Essa organização prosódica é hierarquicamente formada por sete domínios/níveis: a sílaba ( $\sigma$ ); o pé ( $\Sigma$ ); a palavra fonológica ( $\omega$ ); o grupo clítico (C); a frase fonológica ( $\phi$ ); a frase entonacional (I) e a sentença fonológica (U). Essa hierarquia prosódica obedece a um universal (Strict Layer Hypothesis) que diz que um determinado domínio X só pode ser formado por constituintes do domínio X-1. Por outro lado, não há nenhum limite de quantidade para quantos constituintes de um dado domínio X-1 possam preencher o domínio X.

Em cada domínio X são formados constituintes e a cada um deles é atribuído um único acento. Assim, no primeiro domínio, todas as sílabas recebem um acento. As sílabas são organizadas, de acordo com um dado algoritmo, em pés. O pé, de acordo com um algoritmo de atribuição de acento, recebe um acento. Uma vez que os pés são organizados em palavras fonológicas, somente os “locais de pouso” dos acentos de pé são considerados para o algoritmo de acento da palavra fonológica<sup>1</sup>.

Ocorre que muitas vezes, na formação de um domínio X, dois acentos (que em um domínio X-1 ficavam em constituintes diferentes) ficam adjacentes. Por exemplo (estamos marcando os acentos com um “x”)<sup>2</sup> :

|              |          |        |            |
|--------------|----------|--------|------------|
| (            | x        | )      | U          |
| (            | x        | )      | I          |
| (            | x        | )      | $\phi$     |
| (            | x)(x     | )(x    | ) C        |
| (            | ) ( x)(x | )(x    | ) $\omega$ |
| (x)(         | ) (x)(x  | )(x    | ) $\Sigma$ |
| (x)(x)(x)(x) | (x)      | (x)(x) | ) $\sigma$ |

(1) o Jo sé sa be tu do

É possível observar, neste exemplo, que nos domínios de  $\Sigma$ ,  $\omega$  e C, temos dois acentos que se seguem, sem que haja qualquer posição não-acentuada entre eles. É a essa seqüência de acentos que nos referimos como encontro de acentos. Esses encontros

<sup>1</sup> É claro que o que estamos chamando de “locais de pouso” são sílabas; no entanto, estas só são potenciais receptoras de acento em  $\omega$  porque receberam um acento no domínio do  $\Sigma$ . Esta restrição também existe para o domínio do  $\Sigma$ , só que todas as sílabas são candidatas a acento nesse domínio porque todas receberam acento no nível  $\sigma$ .

<sup>2</sup> A construção desta grade métrica obedeceu a proposta de Nespor & Vogel (1986), muito embora alguns dos algoritmos serão discutidos posteriormente neste trabalho.

de acento são evitados nas línguas (muito embora elas difiram no quão tolerantes possam ser a esses encontros, ou melhor dizendo, no domínio em que não admitem encontros acentuais) devido a princípios que dizem que entre duas posições acentuadas, deve haver uma - e somente uma - posição não-acentuada (Princípio de Alternância Rítmica - Selkirk, 1984; Regra Rítmica - Takezawa, 1981)<sup>3</sup>. Várias são as formas de resolução (aqui no sentido de “desfazimento”) de encontros de acento, como movimento do acento para uma posição imediatamente precedente; diferença nos tons das sílabas acentuadas; enfraquecimento/ apagamento do primeiro acento.

## ALGUNS CUIDADOS TOMADOS COM A PREPARAÇÃO DOS NOSSOS DADOS

Como estaremos trabalhando com a resolução de encontros de acentos lexicais (via movimento do primeiro acento), concentrar-nos-emos muito mais nos domínios acima da palavra lexical; porém, alguns fenômenos de outros domínios, por poderem influenciar nossa análise, também serão levados em conta.

No que se refere ao domínio da  $\sigma$ , o cuidado com nossos dados foi de utilizarmos itens lexicais nos quais a sílaba acentuada lexicalmente fosse o mais próxima estruturalmente da sílaba precedente. Isto ocorreu de forma a garantir que o movimento do acento não fosse bloqueado pelo fato de termos uma sílaba mais leve precedendo uma sílaba mais pesada acentuada. Por sílaba leve entende-se a sílaba formada somente por vogal ou consoante mais vogal; a sílaba mais pesada é aquela travada, ou seja, que depois da vogal nuclear tem uma consoante ou glide:

|                |     |     |
|----------------|-----|-----|
| sílaba leve:   | V   | CV  |
| sílaba pesada: | CVV | CVC |

Dessa forma, evitamos fazer o teste com palavras do tipo: *amém, pomar, Adão, chamou*<sup>4</sup>. As palavras escolhidas são sempre constituídas silabicamente de forma que a sílaba que pode receber o acento movido tenha a mesma estrutura da sílaba originalmente receptora do acento: *Wilmar*.

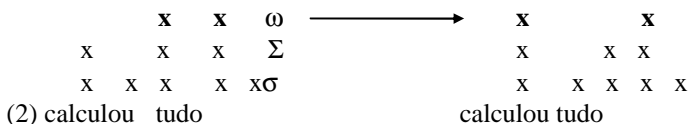
Quanto ao domínio do  $\Sigma$ , evitamos utilizar palavras que permitissem a criação de mais de um pé<sup>5</sup>. Isto porque é difícil observar quando o acento se move para a posição receptora de acento secundário. Por exemplo:

---

<sup>3</sup> O fato de encontrarmos mais de uma posição não-acentuada entre duas posições acentuadas, ou mesmo encontros acentuais não desfeitos deve-se à tensão entre o Princípio de Alternância Rítmica e outros princípios de construção da grade métrica.

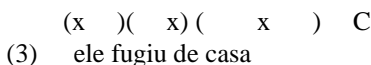
<sup>4</sup> No entanto, algumas vezes tivemos de usar palavras com estruturas silábicas diferentes, devido à dificuldade em encontrarmos palavras que servissem aos nossos propósitos. Por exemplo, as palavras terminadas em vogal com acento na sílaba final. Segundo a análise de Bisol (1992), estas sílabas seriam intrinsecamente marcadas como pesadas pois teriam uma consoante abstrata na rima final. Ex: *Davi*.

<sup>5</sup> O pé pode ser definido como uma cadeia formada por uma - e apenas uma - sílaba acentuada e uma quantidade variável de sílabas não-acentuadas. Tanto a definição como o algoritmo de construção dos pés



Para evitar esse tipo de problema, usamos palavras dissílabas.

O que chamamos de acento lexical é aquele atribuído em C, domínio denominado em outras propostas como “palavra máxima estendida” (Selkirk, 1984). C é formado, de acordo com o domínio proposto por Nespor & Vogel, por uma palavra lexical não-clítica fonologicamente mais as palavras adjacentes que sejam clíticos fonológicos. Dessa forma, seqüências formadas por certos pronomes, clíticos ou preposições monossilábicas (consideradas desacentuadas, e portanto clíticos fonológicos) formam um único C com os nomes a que se associam:



Estamos considerando o acento lexical em C porque, para Nespor & Vogel, em ω todos os itens lexicais recebem acento, mesmo as palavras funcionais. No entanto, o acento que recai sobre as palavras funcionais é sempre considerado como um acento secundário, que permanece para manter o ritmo de uma sentença. Em C, só são projetados os acentos de palavras lexicais (não funcionais) <sup>6</sup>.

Por fim, o último fator fonológico levado em conta ao prepararmos nossos dados está relacionado com a qualidade das vogais envolvidas nas sílabas acentuadas. Em Português Brasileiro, as vogais meio-abertas [+anterior] ( ε ) e [+ posterior] ( ɔ ) nunca ocorrem em posição pós-tônica. Essas vogais ocorrem em posição tônica ([ka'fɛ], [ma.j'ɔɾ]), e em alguns dialetos em posição pré-tônica ([mɛ'ninɔ][m ɔ'lɛkɪ]), mas nunca depois de uma sílaba acentuada. Devido a essa organização do sistema vocálico do Português Brasileiro, evitamos utilizar palavras cujas sílabas acentuadas fossem formadas por essas vogais, visto que, mesmo com a mudança de acento, a qualidade da vogal permanece, o que pode ser um indício de que alguma característica do acento fica na sílaba de origem, podendo perturbar o julgamento das sentenças  
 ([ ka'fɛ 'kɛtʃɪ] → [ 'kafɛ 'kɛtʃɪ ] ).

são assuntos muito discutidos entre os pesquisadores da área. Remetemos os interessados para o trabalho de Massini-Cagliari (1995), que traça um panorama da questão.

<sup>6</sup> Assumir que o grupo clítico seja uma palavra máxima estendida não é uma decisão inconseqüente. As propostas que assumem essa perspectiva não consideram que haja dois domínios, ω e C, mas apenas C, entendido como uma única palavra. Do ponto de vista destas propostas, esse C seria formado por uma única palavra, permitindo, como conseqüência, que o domínio superior, ou seja, φ, possa ser reestruturado. Uma vez que em nosso trabalho estaremos observando choques de acento lexical, só estaremos trabalhando, em nossos dados, com C formados por um único item lexical. No entanto, esse problema se coloca para quem trabalha com resolução de choques de acento secundário.

## A RESOLUÇÃO DOS CHOQUES DE ACENTO LEXICAL

Abousalh (1997) defende que a resolução dos choques de acento em Português Brasileiro ocorre no domínio de  $\phi$ , mas que nem todos os choques são desfeitos. A autora chega à conclusão de que a resolução é opcional.

Segundo Nespór & Vogel, assumindo a versão de Regência e Ligação da sintaxe gerativa (Chomsky, 1981),  $\phi$  é formado obedecendo às seguintes instruções:

- I.  $\phi$  domain: The domain of  $\phi$  consists of a C which contains a lexical head (X) and all Cs on its nonrecursive side up to the C that contains another head outside the maximal projection of X.
- II.  $\phi$  construction: Join into an n-ary branching  $\phi$  all Cs included in a string delimited by the definition of the domain of  $\phi$ .<sup>7</sup>
- III.  $\phi$  restructuring (optional): A nonbranching  $\phi$  which is the first complement of X on its recursive side is joined into the  $\phi$  that contains X.<sup>8</sup>

A definição de  $\phi$  tal como proposta mapearia a sentença abaixo da seguinte maneira<sup>9</sup>:

$$(4) \quad \begin{array}{ccc} \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \phi & & \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \phi \\ \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) C & \longrightarrow & \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) C \\ \text{reestruturação de } \phi: & & \text{eu comi bolo} \end{array}$$

Como é possível perceber, a definição do domínio de  $\phi$  mapeia a sentença de baixo para cima na estrutura sintática. O problema que surge é que, ao chegar ao mapear o C constituído pelo verbo da sentença (que presumivelmente está preenchendo Infl), todo o sujeito da sentença (por estar preenchendo o especificador da mesma categoria sintática, e estar do lado não-recursivo) é mapeado no mesmo  $\phi$ . Obedecendo esse algoritmo de domínio de  $\phi$  teremos (já reestruturado):

$$(5) \quad \begin{array}{ccc} \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \phi & & \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \phi \\ \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) C & & \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) \left( \begin{array}{c} \quad \quad \quad x \end{array} \right) C \\ \text{[IP o irmão da amiga do vizinho [I comi] bolo]} & & \text{[I comi] bolo]} \end{array}$$

<sup>7</sup> Nespór & Vogel (1986: 168)

<sup>8</sup> Nespór & Vogel (1986: 173)

<sup>9</sup> A notação de estruturas traz um problema para a interface. A sintaxe utiliza os colchetes para marcar os constituintes sintáticos; no entanto, esse mesmo tipo de colchete é utilizado, na fonologia prosódica, para marcar os  $\phi$ . Para nossa notação, os colchetes [ ] estarão marcando constituintes sintáticos.

## A PROPOSTA DE GUIMARÃES (1997)

Guimarães (1997) reinterpreta o algoritmo de reconstrução de Nespor & Vogel (1986) afirmando que, se a fonologia tiver acesso às relações de c-comando assimétrico (Kayne, 1994), não há necessidade de que o algoritmo de reconstrução de  $\phi$  faça menção a noções como complemento ou modificador. Essa mesma relação permite mapear o especificador de Infl em um  $\phi$  separado do resto da sentença.

O que Kayne sugere é que, através da noção de c-comando assimétrico, seria possível linearizar a estrutura sintática (via o Axioma de Correspondência Linear). Esta estrutura linearizada seria o material com que a fonologia trataria. O que devemos ter em mente é que as informações de c-comando entre os constituintes sintáticos precisam manter-se no componente fonológico, pois se o Axioma de Correspondência Linear fosse uma simples operação para colocar itens lexicais em seqüência, voltaríamos a ter o problema de que sempre que tivéssemos duas palavras seguidas com contexto para alguma operação fonológica, esta operação ocorreria. Rotenberg (1978 - apud Kaisse, 1985) já defendia que há regras sensíveis à configuração, e não à adjacência. Assim, a linearização proposta por Kayne deve aproximar-se muito mais de um mapeamento para a fonologia, de modo que as informações configuracionais (ao menos algumas necessárias para a fonologia) permaneçam.

Guimarães (1997) reinterpreta o algoritmo de reconstrução de Nespor & Vogel (1986) em termos minimalistas e, seguindo Kayne, assume haver uma correspondência entre c-comando assimétrico e precedência, o que levaria a proposta de um Algoritmo de Linearização de Ítems Lexicais (ALLI), que geraria cadeias não ordenadas de itens lexicais. Estas cadeias seriam ordenadas por um outro algoritmo, o Algoritmo de Linearização de Cadeias (ALS)<sup>10</sup>. As cadeias  $\pi$  propostas por Guimarães seriam o domínio onde as relações de c-comando estariam mapeadas, e a partir das quais as palavras prosódicas seriam construídas:

### Phonological Phrase ( $\phi$ ) formation

After the ALS applies, scan the string  $\pi$  from left to right, grouping together all PWs up to a PW whose “head” is an N or a V. Join them into an n-ary branching  $\phi$ . Repeat this process again and again until the set of PWs of the string is exhausted. If the scanning reaches the end  $\pi$  without find an N or V, the last PW is taken to be right edge of  $\phi$ .

### $\phi$ Restructuring (optional)

Given two adjacent phonological phrases  $\phi_1$  and  $\phi_2$ , they can become a single  $\phi$  unit if and only if  $\phi_2$  is non-branching (i.e. has only one PW) and  $\phi_1$  and  $\phi_2$  are dominated by the same  $\pi$ .<sup>11</sup>

A aplicação da reestruturação de  $\phi$  proposta por Guimarães (1997) ocorre sem problemas, prevendo os resultados corretamente:

---

<sup>10</sup> Reportamos os interessados nos detalhes desses dois algoritmos a Guimarães (1997).

<sup>11</sup> Guimarães (1997: 9-10)

(5)  $(\pi \text{ eu})(\pi \text{ coMI Bolo})^{12}$   
 $(\{eu\})(\{coMI\}\{Bolo\}) \longrightarrow (\{eu\})(\{COmi Bolo\})$

(6) [ eu [ coMI [ Bolo [ de chocolate]]]].  
 $(\pi\{eu\})(\pi\{coMI\}\{Bolo\}\{de\ chocolate\}) \longrightarrow$   
 $(\{eu\})(\{coMI\}\{Bolo\}\{de\ chocolate\})$   
 $*(\{eu\})(\{COmi Bolo\}\{de\ chocolate\})$

(7) [ eu [ comi [ bolo][ ontem]]].  
 $(\pi \{eu\})(\pi\{coMI\}\{Bolo\})(\pi\{ontem\}) \longrightarrow (\{eu\})(\{COmi Bolo\})(\{ontem\})$

(8) [ eu [ comi [ muito [ bolo]]]].  
 $(\pi\{eu\})(\pi\{coMI\}\{MUIto\}\{bolo\}) \longrightarrow (\{eu\})(\{coMI\}\{MUIto\}\{bolo\})$   
 $*(\{eu\})(\{COmi\}\{MUIto\}\{bolo\})$

e prevê corretamente os domínios em (5):

(5) o irmão da amiga do vizinho comeu bolo

$(\pi \{o\}\{irmão\})(\pi\{da\}\{amiga\})(\pi\{do\}\{vizinho\})(\pi\{comeu\}\{bolo\})$

## A RESOLUÇÃO DOS CHOQUES DE ACENTO NOS CASOS DE OBJETO NULO

Como é possível observar nos exemplos abaixo, alguns choques de acento criados entre um Verbo e Advérbio são desfeitos, enquanto outros não o são:

(9) ele falTOU Hoje.  $\longrightarrow$  ele FALtou HOJe.

(10) eu coRRI HOJe.  $\longrightarrow$  eu COrri HOJe.

(11) ele comPROU HOJe.  $\longrightarrow$  \* ele COMprou HOJe.

(12) eu beBI CEdo.  $\longrightarrow$  \* eu BEbi CEdo.

Em (11) e (12), os verbos utilizados são verbos transitivos, ou seja, que exigem complemento e não podem ter seus choques desfeitos. Quando usamos verbos intransitivos, o choque é desfeito, como em (9) e (10). O mesmo fenômeno ocorre quando usamos verbos que podem ter leitura transitiva ou intransitiva:

<sup>12</sup> Quando estivermos marcando os domínios prosódicos nas sentenças (e não à parte como no ex. 5), os parênteses ( ) marcarão os constituintes  $\pi$  e as chaves { } os constituintes  $\phi$ .

- (13) a. eu BEbi HOje  
 b. \* eu BEbi CEdo.  
 c. eu BEbi MUIto.  
 d. leite, eu BEbi CEdo.
- (14) a. \*ele COMprou HOje.  
 b. ele COMprou HOje um boné.  
 c. um boné, ele COMprou HOje.  
 d. ele COMprou RÁpido.
- (15) a. ele FUmou HOje.  
 b. ele FUmou CEdo.  
 c. ele FUmou MUIto.

Em (13), tanto (13a) quanto (13c) podem ter uma leitura intransitiva (“tomar uma bebedeira”), enquanto que (13b) só pode ter uma leitura transitiva (“beber algo”). Para o nosso segundo conjunto de exemplos, (14a) só pode ter leitura transitiva (“comprar algo”); no entanto, (14d) pode ter uma leitura intransitiva (“fazer compras”). Todos os casos de (15) podem ter uma leitura intransitiva (“praticar o ato de fumar”).

Nossa primeira possibilidade seria considerar que somente os verbos intransitivos ou com leitura intransitiva teriam seus choques acentuais desfeitos. Porém, os casos (13d), (14b) e (14c) indicam-nos que não é este o caso.

Os conjuntos de exemplos (13) e (14) mostram-nos que se um verbo tem uma leitura transitiva, esse verbo terá seu choque de acentos desfeito quando o complemento desse verbo ocorrer na sentença ((13d),(14b) e (14c)), mas não o terá se o objeto for nulo ((13b) e (14a)).

Cyrino (1994), tratando do objeto nulo em Português Brasileiro, faz uma análise das diversas propostas de tratamento do objeto nulo. Segundo a autora, algumas análises propõem que o objeto nulo seja analisado como um “vestígio deixado pelo movimento de uma categoria vazia para a posição de COMP”<sup>13</sup>. Ora, se assumíssemos que o vestígio seria considerado na construção do domínio  $\phi$ , teríamos de assumir que, sempre que houvesse um vestígio, o choque acentual não poderia ser desfeito, pois a reestruturação deveria ocorrer entre o vestígio e o advérbio. No entanto, a resolução de choques ocorre, como é possível observar nos exemplos (14b), (14c) e abaixo:

(13d) leite<sub>i</sub> eu beBI v<sub>i</sub> CEdo.                      →                      leite<sub>i</sub> eu BEbi v<sub>i</sub> CEdo  
 {o leite}{eu}{beBI}{v}{CEdo}                      →                      {o leite}{eu}{beBI}{v CEdo}

Se, por outro lado, assumíssemos que o vestígio não conta para a construção do domínio  $\phi$ , não há como explicar porque o choque acentual em (13b) não é desfeito, uma vez que seria possível a reestruturação dos dois  $\phi$ , formados pelo verbo e pelo adjunto:

---

<sup>13</sup> Cyrino (1994: 34)



(13b)  $[_{TOP} \text{objeto nulo}]_i \text{ eu beBI } v_i \text{ Cedo} \longrightarrow * \text{eu BEbi } v_i \text{ CEdo}$   
 $\{ \text{eu} \} \{ \text{beBI} \} v_i \{ \text{CEdo} \} \longrightarrow \{ \text{eu} \} \{ \text{beBI} \} \{ \text{CEdo} \}$

É possível notar também, que nos casos em que o objeto move-se para a posição de Tópico e há um choque de acento entre o verbo e seu sujeito, esse choque é desfeito:

(16)  $\text{de leite}_i \text{ o daVI GOS}ta \ v_i \longrightarrow \text{de leite}_i \text{ o DA}vi \text{ GOS}ta \ v_i$

mas o choque não é resolvido quando o objeto é nulo:

(17)  $[_{TOP} \text{objeto nulo}]_i \text{ o daVI GOS}ta \ v_i \rightarrow * [_{TOP} \text{objeto nulo}]_i \text{ o DA}vi \text{ GOS}ta \ v_i$

Uma vez que em ambos os casos temos o vestígio, e assumindo que ele não seja considerado na construção de  $\phi$ , a resolução do choque acentual de (17) deveria ocorrer como ocorreu em (16).

Através da análise desses dados, pretendemos ter dado evidências que corroborem a proposta de Cyrino de que os objetos nulos não são vestígios de variáveis que moveram-se para a posição de tópico.

A proposta de Cyrino é que o objeto nulo “corresponde à reconstrução do antecedente em FL e teria surgido a partir da existência de estruturas de elipse sentencial”<sup>14</sup>. Dessa forma, o objeto nulo seria um complemento inaudível, um *pro*. Se assumirmos que o objeto nulo ocorre sempre na posição de complemento de verbo, subindo apenas para checar caso e papel temático, ele ocorrerá entre o Verbo e o Adjunto, impedindo que haja uma relação direta entre estes em uma sentença. Admitindo-se que o objeto nulo será considerado na construção do domínio  $\phi$ , não será possível a reestruturação de  $\phi$ :

(13b)  $\text{eu beBI CEdo.}$   
 $[\text{eu} [\text{bebi} [\text{Obj. nulo}][\text{cedo}]]]$   
 $\{ \text{eu} \} \{ \text{beBI} \} \{ \text{CEdo} \}$   
 $* \{ \text{eu} \} \{ \text{BEbi} \} \{ \text{CEdo} \}$

(14a)  $\text{ele comPROU HOje.}$   
 $[\text{ele} [\text{comprou} [\text{Obj. nulo}][\text{hoje}]]]$   
 $\{ \text{ele} \} \{ \text{comPROU} \} \{ \text{HOje} \}$   
 $* \{ \text{ele} \} \{ \text{COMprou} \} \{ \text{HOje} \}$

---

<sup>14</sup> Cyrino (1994: 143)

## CONCLUSÃO

Como dissemos no início, a pretensão dessa análise de sentenças que ora são realizadas foneticamente com choques acentuais, ora têm seus choques acentuais desfeitos, era observar quais indícios essas resoluções de choques poderiam nos dar sobre os objetos nulos em Português Brasileiro. Assim é que nossos dados confirmam a proposta de Cyrino (1994) de que os objetos nulos não são vestígios de uma categoria fonologicamente nula que estaria preenchendo a posição de Tópico. Os objetos nulos têm um comportamento fonológico diferente dos vestígios; são considerados no mapeamento prosódico - em especial na construção e reestruturação do domínio  $\phi$ , influenciando, portanto, as operações fonológicas que levem em conta esse mesmo domínio.

Porém, essa análise traz sérias conseqüências para as propostas que tratam da interface fonologia-sintaxe, pois considera que elementos sintáticos fonologicamente nulos são levados em conta nas operações fonológicas. No entanto, questões de espaço não nos permitem tratar das mesmas nesse momento.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOUSALH, E. S. F. (1997). **Resolução de choques de acento no Português Brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface fonologia-sintaxe**, tese de mestrado, UNICAMP.
- BISOL, L. (1992). "O acento e o pé métrico binário" In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, nº 22, UNICAMP.
- CHOMSKY, N. (1981). **Lectures on Government and Binding**, Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. and M. Halle (1968). **The Sound Pattern of English**, New York: Harper and Row.
- CYRINO, S.M.L. (1994). **O Objeto Nulo no Português do Brasil - um estudo sintático- diacrônico**, tese de doutorado, UNICAMP.
- GUIMARÃES, M. (1997). "Unifying LCA & Prosodic Phrasing in the Minimalist Program" paper apresentado no Workshop on Theory of Grammar: Problems at PF and LF Interface Levels, realizado na Universidade Estadual de Campinas, 5 a 7 de agosto de 1997.
- KAISSE, E.M.(1985). **Connected Speech - the Interaction of Syntax and Phonology**, Academic Press, Inc. Orlando, Florida
- KAYNE, R.S (1994). **The Antisymmetry of Syntax**.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1995). "A evolução da noção de pé na fonologia" In: Anais de Seminários do GEL XXIV São Paulo.
- NESPOR, M. and I. Vogel (1986). **Prosodic Phonology**, Foris Publications Dordrecht.
- SELKIRK, E.O. (1984). **Phonology and Syntax: the Relation between Sound and Structure** The MIT Press Cambridge, Massachusets.
- TAKEZAWA, K. (1981). "Rhythm Rule in Metrical Theory" In: **Linguistic Analysis** vol.8 n.1 Elsevier North Holland, Inc.